

Maria Luísa Malato Borralho

Um testemunho. E sobre o Ano Paulino. Perguntei-me antes do mais sobre a validade de um testemunho meu sobre o Ano Paulino. Movemo-nos em círculos, falamos em conferências, conferenciamos sobre coisas que nos são comuns em sítios onde sabem sobre o que vamos falar. Conferenciamos muito. Testemunhamos menos, porque um testemunho não pressupõe os círculos fechados em que nos movemos. Passamos o testemunho para alguém que pode ir mais longe do que nós e fazer o que não fizemos, porque não houve oportunidade ou vontade. Devemos sempre ter cuidado com o que passamos aos outros. E temos às vezes, passando pouco.

Ora eu não sei nunca, na maior parte das coisas que digo ou faço, se conferencio ou se passo sempre o testemunho. Isto é, se falo sobre o que sei e para as pessoas que estão dentro dos códigos que uso, porque só assim nos podemos entender. Ou se falo sobre o que eu não sei, para pessoas muito diferentes de mim, que entenderão sempre outras coisas, porque irão fazer com as minhas palavras coisas de que nunca me lembrei, por falta de oportunidade ou até vontade. Ando sempre a meio caminho, ainda quando sou professora, ainda quando sou mãe, ainda quando sou pessoa. Ou sobretudo nestas situações: porque ser professora, mãe ou pessoa é estarmos sempre em cima da ponte, a meio caminho, a olhar para trás, de onde viemos, ou para a frente, para onde talvez nunca estejamos.

De um lado existe o que me transmitiram sobre S. Paulo ou o que vou apanhando nas missas ou nos prospectos da pastoral, nos círculos em que algo fluidamente me movo. Do outro lado existe o que eu fui interiorizando e quero testemunhar sobre S. Paulo, e que não sei se tem validade para os outros, mas teve mais validade para mim. Tudo isto é complicado, e tudo isto tem a ver com o Ano Paulino. Porque S. Paulo sempre me pareceu complicado, sempre com a dupla aparência de retórico "fala-barato, propagandista" e o

sublime mensageiro "de um deus desconhecido", como aparece nos Atos dos Apóstolos. Porque só este ano descobri que tenho muito mais a ver com S. Paulo do que eu julgava. Porque o descobri em parte por causa das efemérides do Ano Paulino.

Tudo começou por fazer falta à Biblioteca da Faculdade de Letras um livro para a Exposição Paulo de Tarso. A exposição mover-se-ia, aliás, entre dois círculos universitários que não me seriam estranhos: a Universidade do Porto e a Universidade Católica do Porto. Era um livro que estava requisitado e não pudera ser devolvido a tempo e lá por casa havia até uma edição mais antiga: o livro de Teixeira de Pascoaes sobre S. Paulo. Folheei-o para o emprestarmos. E deu-me só então para perceber porque é que Teixeira de Pascoaes se interessa por S. Paulo e porque é importante lermos ambos, e ambos andam a ser mal lidos, creio. Muita gente fala sobre a "Arte de ser português" e não repara que a arte de ser português é, para Teixeira de Pascoaes, a arte de não ser coisa nenhuma: andar pelo mundo curioso e aberto e receber nesta nesga de terra, na cauda da Europa, todos aqueles que vêm a caminhar pela Europa fora (árabes, hebreus, godos) e, quando chegam aqui, ou se têm de entender ou se têm de deitar ao mar, porque para trás quase nunca se pode, ou deve, ir. S. Paulo fala para gente assim: gente que é diferente mas que se quer entender, sem ter necessidade de se deitar ou deitar alguém ao mar. Ainda que para isso seja necessário não fugir às discussões e às contendas, prisões e exílios de que a vida de S. Paulo está cheia: "sacudindo porém contra eles o pó dos seus pés, partiram para Icónio" (At, 13, 51), há mais mundos, não podendo haver este. Mas também só me fui dando conta disso porque, levada por Pascoaes, me pus a ler S. Paulo a eito, uma carta por noite, quando o sono e a vida deixavam. Fazê-lo assim é muito diferente de o ir ouvindo em citações semanais e circulares. Porque, ao lê-lo a eito, damos conta das suas contradições (as mulheres sujeitas ao homem, como o homem a Deus, o anátema dos que não têm comportamentos heterossexuais, ou que os têm fora do casamento, uma crítica aos que se julgam inchados de citações, leis e erudição, hoje ideias muito, muito pouco pacíficas ou consensuais). E também das suas obsessões, que limpam qualquer contradição. Com muitas variantes, vai dizendo quase sempre o mesmo: na fé, ainda que não na lei, "não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há masculino nem feminino" (Gl, 3, 28), nosso ou forasteiro, circuncidado ou incircuncidado, puro ou impuro. "Ficas sem desculpa, quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro, pois tu, que julgas, fazes o mesmo" (Rm, 2, 1). Reconhecendo-se ele devedor "tanto a sábios como a ignorantes" (Rm, 1, 14).

Dei-me também conta de como também ele, consciente dessas contradições, se sente na ponte, entre os círculos e os que estão fora dele, os

judeus e os gentios, os circuncidados e os que não querem ser circuncidados, os convertidos e os que estão por converter, os que já sabem do que vamos falar e os que não fazem a mínima ideia do que estamos para ali a dizer mas lhes parece ser interessante ouvir. Pede ele que a palavra saia "temperada de sal", para que o outro a receba de bom grado (Cl, 4, 6) e pede também o inverso, que o que fala uma língua estrangeira ore para passar a entender a que ouve (I Co, 14, 13). Todo o seu empenho vai para que os homens percebam a lei para além da letra, a parábola para além do sentido literal, o ritual para além do gesto mecânico, a mesma bondade para além do gesto compensatório da bondade.

E por isso o seu desprendimento pelo que é acessório. Se aquele que está contigo te oferece comida e bebida que o teu costume considera impuras, come e bebe com ele. Dá-o de barato para que entre vós se fale do essencial, para que se veja para além do que está a ser comido e bebido. E depois que se veja para além do que está a ser dito. Toda a evangelização de S. Paulo é um esforço para que a interpretação dos textos bíblicos seja feita à luz da parábola do sementeiro. "Porque lhes falas por parábolas?" Ele, respondendo, disse-lhes, "Porque eles vendo não vêem, e ouvindo, não ouvem, não compreendem", mas tentando eles compreender "dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta" (Mt., 13, 10-23). Sublinha Paulo, recuando na fonte: "Porque na lei de Moisés está escrito: não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós?" (I Co, 9, 9-10). A mim, que analiso textos de Literatura e sempre me perturbou idêntico desafio, nunca sei bem o que fazer com estas palavras, mas sei que é por elas que tenho de andar se quero ver alguma coisa, "como alguns dos vossos poetas também disseram" (At, 17, 28). É essa passagem da criança boa porque passiva para o adulto bom porque activo que interessa. Por essa passagem cresceremos: intelectualmente, afectivamente, mas sobretudo moralmente. Em matéria de fé, a obediência cega à lei não basta, não é sequer válida. Seria "como sino que tine": "ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria" (I Co, 13, 3). A lei não é uma forma de fazer negócio com Deus: porto-me bem e dás-me o Céu. Porto-me bem e dás-me paz. Porto-me bem e terei amigos. Porto-me bem e prosperarei nos negócios... É uma pena não poder fazer negócios com Deus. Deixa-nos desamparados, como o pai que larga a um dado momento os braços do bebé e espera depois que ele ande...

Participei também numa caminhada à noite, pelas ruas do Porto, organizada pelo GIUP: "Um encontro de porto em Porto: pistas de cais em cais". As igrejas abertas e iluminadas, gente à nossa espera para nos ler textos, cantar versículos, pedir uma oração em nome de outro. Lembrar-me-ei, melhor

dizendo, detestaria que a minha memória esquecesse. O coro *Anima Mea* a cantar o *Pater Noster* de Rimski-Korsakov. Aquele gesto cúmplice da pessoa que estava ao meu lado e procurava como eu no programa quem tinha sido capaz de compor assim. E os muros densos das azáleas, muros de rosa. E aquele sentimento de reconhecermos gente do nosso círculo, das nossas circunferências, pobres circunferências em que nos movemos, mas que nos dão a ideia de que não estamos nunca sozinhos, e que talvez o todo vá fazendo o que a parte não consegue. "Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se o pé disser: - Porque não sou mão não sou do corpo, não será por isso do corpo?" (I Co, 12, 16-17).

Eu não sei se dei o tal testemunho. Ou se ele será útil de alguma forma, ou da forma que eu queria. As efemérides vão-nos chegando em dose cada vez maior e quase que não defendemos delas tornando-as ruídos de fundo. Também não sei dizer o que falta para que as comemorações possam ter maior relevância teológica e pastoral. Sei que é bom por vezes fazer como S. Paulo e não curarmos muito dos pormenores com que definimos a aparência das coisas. "Verdade é que também alguns pregam a Cristo por inveja e porfia, mas outros de boamente; [...] Mas que importa? Contando que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento ou em verdade..." (Fp, 1, 15 e 18). "Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em virtude" (I Co, 4, 19): e isso até contra este testemunho é válido.

Importa certamente não perder de ideia a beleza das coisas: azáleas, gestos de atenção, noites e luas que são as cores primárias da música e da poesia. Cuidando desse mesmo aspecto da beleza das coisas e das pessoas, talvez não seja importante fazer mais, mas melhor, sempre atendendo àquilo que não se vê. "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo": tanto assim? (Rm, 13, 9). "O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor" (Rm, 13, 10): só este excesso...

Eu, por exemplo, diria que dá muito efeito pedir a alguém um livro que falta...

Com muita, muita admiração.